

O New Journalism como estratégia biográfica

The New Journalism as biographic strategy

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



RODRIGO BARTZ ¹

RESUMO

Este artigo é parte integrante de minha dissertação de mestrado na qual abordo as biografias de natureza jornalística sob o aspecto do narrador e suas estratégias para (re)construir uma vida. Tal desejo surgiu da curiosidade a respeito do gênero que aparece sempre no topo nas listas de comercialização e abarrotam as vitrines de livrarias e bibliotecas, principalmente a partir do século XX, mas ainda é desprezado pela academia e pouco estudado. Neste trabalho proponho a apresentar algumas técnicas de abordagem (como as do *New Journalism*) usadas nas biografias. Como também uma possível classificação à luz das teorias de Lima (1993), fazendo com que seja possível chamá-la de jornalística. A pesquisa adota como corpus a obra *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*, do jornalista Lira Neto (2012), indexada como uma narrativa jornalística, na forma de biografia.

PALAVRAS-CHAVE

Biografias. Jornalismo. Literatura.

ABSTRACT

This article is part of my master's thesis, in which I address the biographies of journalistic nature, about appearance of the narrator and his strategies to build a life. This desire arose from curiosity to respect the genre, which always appears in the list of works more sold, and cram the shelves of bookstores and libraries, mainly from the twentieth century, but it is still despised by the academy and little studied. In this paper I intend to present some technical approaches (such as the new journalism) used in the biographies. But also a possible classification in the light of theories of Lima (1993), making it possible to call it journalism. The research adopt as corpus the work *Getúlio: from the formative years until the conquest of power (1882-1930)*, of the journalist Lira Neto (2012), indexed as a journalistic narrative, in the form of biography.

KEYWORDS

Biographies. Journalism. Literature.

Recebido em: 22/11/2013. Aceito em: 19/05/2014.

¹ Mestre em Letras e graduado em Letras Português/Espanhol pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Membro do grupo de pesquisa *Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas* do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Comunicação Social da UNISC. E-mail: rodrigobartz@mx2.unisc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6488912051189206>.

1 O QUE NOS MOVE

Este artigo surge da necessidade de observarmos os sentidos que emergem das intersecções ocorridas em formatos peculiares de publicação de natureza jornalística, genericamente chamados de livros-reportagem e biografias de natureza jornalística. Observamos, dessa forma, as influências ocorridas da literatura e do jornalismo, principalmente, no gênero biográfico que para alguns autores, inclusive, constituem um gênero híbrido e de difícil encaixe conceitual. Começamos então com um breve panorama geral.

A produção brasileira é crescente. Vilas Boas (2002, p. 23), afirma que entre 1995 e 1997 o número de publicações biográficas dobrou, “[...] enquanto a variação do total de títulos lançados caiu 11% [...]”. Conforme Vilas Boas (2008), no Brasil, a produção de biografias jornalísticas começa com Alberto Dines. O jornalista no início dos anos de 1980 escreve a biografia *Morte no paraíso a tragédia de Stefan Zweig* (1982), obra dedicada ao escritor austríaco que viveu no Brasil e suicidou-se em Petrópolis em fevereiro de 1942. Biografia essa que teve, até 2006, três edições. Em entrevista concedida ao longo da tese doutoral de Vilas Boas (2006), a qual origina posteriormente o livro *Biografismo* (2008) do mesmo autor, encontramos a afirmação de que Dines foi o primeiro a escrever biografia dita jornalística no Brasil: “Dines foi um dos primeiros jornalistas contemporâneos a se enveredar [...] no território da biografia, um território pequenino e até então dominado, no Brasil, por acadêmicos e literatos.” (VILAS BOAS, 2008, p. 35). Conforme o próprio Dines, ele foi o pioneiro na escrita de biografias jornalísticas de uma safra de jornalistas biógrafos como Fernando Moraes, Ruy Castro, Jorge Caldeira e outros que surgiram mais ou menos uma década depois dele.

Nos últimos anos, as biografias têm alcançado um grande sucesso editorial no Brasil. O nosso objeto de pesquisa, por exemplo, o livro *Getúlio* (2012), de Lira Neto era o livro mais vendido na Livraria Cultura no mês de maio de 2012, conforme consta no site da empresa.² Ademais citamos dados contidos no artigo de Sandra Reimão (2011) intitulado *Tendências do mercado de livros no Brasil* quando a pesquisadora evidencia a presença de autores

² Disponível em: <<http://www.liraneto.com/2012/05/getulio-o-mais-vendido-na-livraria.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

nacionais de ficção nas listagens dos mais vendidos. Mesmo com um predomínio dos *best-sellers* de autores estrangeiros, como *O código Da Vinci* do norte americano Dan Brown, percebemos que na década estudada por ela, de 2000 a 2009, aparecem na lista livros-reportagem e biografias de autores nacionais. Como exemplo; *1808* de Laurentino Gomes, (2º colocado em 2007, 1º em 2008, 5º em 2009), além de *Corações Sujos* (8º colocado em 2000 e 4º em 2001), *Olga* (6º colocado em 2004) e *O mago* (8º colocado em 2008) do jornalista Fernando Morais o que, de certa forma, confirma esse *boom* de jornalistas enveredando para a escrita de livros-reportagem e biografias.

Soster (2013) em artigo recentemente publicado afirma que nas biografias ou nos livros-reportagem ocorre uma atenção a um perfil, ou personagem, porém utilizando como carro-chefe técnicas do jornalismo. Isso, contudo, recorrendo a narrativas mais elaboradas que a do jornalismo convencional ou diário. Uma forma de narrativa que ganha a cada dia mais adeptos.

Mesmo assim, crescendo tanto no número de apreciadores quanto em suas publicações, são objetos que suscitam pouco interesse por parte da academia como afirma Vilas Boas:

Infelizmente, estudos de biografias ainda são ocasionais. Iniciativas isoladas tangem essa modalidade apenas como parcela secundária ou complementar de pesquisas, sem se deterem, por exemplo, nos milhões de leitores interessados no gênero, nos méritos e nas fraquezas dos biógrafos, nas interpretações conflitantes dadas a uma mesma pessoa, nos limites e nas possibilidades desse campo vasto e extraordinário. Uma história da biografia também está para ser contada. (VILAS BOAS, 2008, p. 19).

A pesquisa, dessa forma, adquire considerável relevância, porque, como dissemos, tal gênero vem crescendo e tornando-se impossível uma não observação.

Assim, a proposta de nosso trabalho é muito mais o debate dessa(s), digamos, intertextualidade(s) do gênero biográfico do que propriamente uma cristalização ou conceitualização do gênero em estudo. Queremos sim entender esses suportes que estabelecem novos meios de interação e redefinem práticas sociais. Compreender o que esses sentidos significam e, quiçá, avançar em

O *New Journalism* como estratégia biográfica

formas de análises mais abrangentes que não se restrinjam a uma ou a outra área. Produto, estilo impuro, o gênero biográfico se situa na divisa entre a vontade de reproduzir o real e o ficcional, que fica de acordo com as feições criativas do escritor. Sendo assim, tais questões nos remetem a verificar as características que tornam a biografia jornalística por meio das teorias de Lima (1993), em um primeiro momento.

2 CARACTERÍSTICAS JORNALÍSTICAS BIOGRÁFICAS

Edvaldo Pereira Lima (1993) em *Páginas ampliadas* tinha o objetivo de dimensionar o alcance do livro-reportagem, olhar com mais sensibilidade à ampla estrutura diversional contida nesse gênero. Para Lima, tal gênero, pode ser visto como um subsistema³ híbrido ligado tanto ao jornalismo, como ao sistema editorial. Edvaldo Pereira o entende como:

[...] veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado. (LIMA, 1993, p. 29).

146 |

Mesmo tendo como seu objeto de análise o livro-reportagem, Lima traz algumas considerações que se encaixam perfeitamente na biografia. Em um de seus subtítulos do primeiro capítulo, “uma proposta de classificação”, o autor tenta classificar os livros-reportagem. Em nosso trabalho, utilizaremos algumas de suas categorias para discutir o gênero biográfico. Vamos à primeira.

Para ele, o livro-reportagem perfil procura evidenciar o humano de uma personalidade pública, ou anônima. Inclusive, sustenta que, “Uma variante dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, quando um jornalista, [...] centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira [...] normalmente

³ Lima (1993, p. 19) explica o porquê de chamar o livro-reportagem de subsistema: “As bases para a compreensão da interpretação do livro-reportagem com o jornalismo provêm do que se chama de ordem hierárquica, na teoria geral dos sistemas. [...] Desse modo, a análise de um sistema – complexo de partes e subpartes integradas num todo individual, sob um princípio organizador, determinado pela função principal que caracteriza ou desempenha o complexo, função esta que exatamente o diferencia de outros complexos igualmente integrados num todo individual – implica uma abordagem que envolve tanto o enfoque sobre o sistema em si quanto sobre seu ambiente. [...] Ao mesmo tempo, exige um exame dos seus subsistemas. Ou seja, de seus sistemas internos menores, que desempenham funções também menores, voltadas para a função principal do complexo como um todo.”

dando mais destaque ao presente.” (p. 45). Característica em que poderíamos englobar as biografias jornalísticas.

Além disso, conforme o autor, temos nos periódicos alguns pilares fundamentais como: a atualidade, a periodicidade, a universalidade e a difusão coletiva. Essas características principais dos periódicos, levantadas por Groth, ajudam em uma possível compreensão do fenômeno jornalístico. Em sua pesquisa, que consistia no fundamento do objeto das ciências dos jornais, Groth (2011) se depara com a periodicidade como característica evidente e ao penetrar no conteúdo esbarra nas características da universalidade tendo nela contida a atualidade. No final identifica a qualidade da publicidade entendida por ele como a direção, objetivo da obra e o que conduz ao seu sentido.

Para Groth período, no começo, era um conceito de espaço e significava o caminho, a distância que se circula ou se percorre. Para ele todo jornal (ou revista) tem que ter qualidade de retornar periodicamente, e essa qualidade foi denominada periodicidade. Afirma que a periodicidade pertence à natureza do jornal e, por isso, característica essencial.⁴ A periodicidade do jornal está fundida às inúmeras aparições periódicas e movimentos socioculturais. O jornal está sempre aplicado em adotar os movimentos de vida e de trabalhos periódicos. Determinados naturalmente pela sociedade ao qual pertence. O significado de periodicidade está ligado ao fato de que sem ela a ideia de jornal como um objeto universal e atual não seria possível.

Já universalidade para o autor é o ponto de partida necessário para a pesquisa do conteúdo do jornal e da revista. Ela pode ser definida como uma característica imprescindível dos periódicos segundo Groth. De certa forma, a universalidade significa o geral resumido à unidade, o todo, o que abrange tudo, que não deixa nada de fora, é generalidade universal. Universalidade pode ser entendida como potencial, isso, porque, o jornal pode incorporar tudo o que ele sabe que existe e acontece no mundo. Ela significa, na verdade:

⁴ A periodicidade é um conceito de tempo da forma do periódico, é a qualidade de um objeto duradouro voltar, mais correntemente, de liberar produtos de sua ideia. Groth afirma que a periodicidade do jornal está ligada a lei geral da periodicidade, “[...] que, assim como para toda a natureza viva ou morta, vale também especialmente para o ser humano, para a sociedade e para a cultura.” (GROTH, 2011, p. 152).

O *New Journalism* como estratégia biográfica

[...] a capacidade e disponibilidade do jornal de mediar para os seus leitores tudo de todas as áreas da vida e da produção humana [...] significa na verdade a presença sem exceção de todas as áreas, mas não a completude do conteúdo, não a completude de cada detalhe. (GROTH, 2011, p. 211).

A terceira característica, a atualidade, designa no jornal a tarefa de oferecer algo novo, atual, portanto presente. Para o autor, a atualidade é em si própria uma relação puramente temporal, não idêntico com o novo. Atual, na verdade, tem dois significados. O real, que aconteceu, como o agora, neste momento. Segundo ele, para as ciências dos jornais como característica essencial, se engloba simplesmente o segundo significado. A atualidade para o pesquisador tem como significado uma dimensão de tempo entre a mediação do jornal, ou seja, sua publicação e do momento de acontecer, uma vivência do presente. Então, conceitua atualidade como uma qualidade do jornal, um conceito de tempo, como, por exemplo, uma quantidade de tempo referente ao conteúdo do jornal. Groth afirma que a atualidade, como muitas vezes se reduz à universalidade e dita a periodicidade, tem que tomar o lugar central no jornal, isto, porque, "O jornal é do dia e para o dia, esta é sua função preciosa e necessária na sociedade moderna" (GROTH, p. 254).

148 |

A quarta característica essencial é a difusão. Otto Groth chama de publicidade, mas no sentido de acessibilidade, de circulação dos periódicos por diversas camadas sociais:⁵

Se a universalidade diz que o jornal é capaz de e deve empenhar-se em buscar as coisas no mundo inteiro e compilá-las nos seus espaços, graças a sua publicidade, o jornal se abre a todas as pessoas no mundo e procura reuni-las em torno de si. A publicidade potencial expressa o possível, a publicidade atual expressa a proporção de fato, em que o número e a distribuição espacial do consumidor (leitor) do jornal está para o número e a distribuição espacial das pessoas de uma determinada área. Esta área pode ser limitada segundo diversos princípios: o número de habitantes da cidade, da província, do país onde o jornal é publicado pode ser tomado como base para a constatação da proporção, mas também pode-se selecionar a partir deste número círculos mais estreitos de pessoas, como adultos, famílias, alfabetizados e assim por diante. (GROTH, p. 272).

⁵ Groth esclarece que a publicidade, ou difusão é uma característica de forma assim como a periodicidade e não de conteúdo como a universalidade e atualidade. A publicidade, de maneira objetiva significa estar aberto, acessível. Esta forma acessível confere ao jornal a possibilidade de se propagar em diversas direções.

A publicidade, assim como a periodicidade, a universalidade e a atualidade, em interação têm como desejo principal ir além de quaisquer barreiras reais. E, por fim, temos como significado fundamental da publicidade, de acordo com Groth, uma entrada através da qual todas as seções de produção, de redação e outras da empresa jornal mantêm ligação como o mundo interior.

Em se tratando de biografias, sabemos que existem diferenças entre elas e os periódicos. Ao nos debruçarmos em Lima (1993), percebemos que em um de seus capítulos o autor faz a mesma comparação, das teorias grothianas, porém com seu escopo de estudo, o livro-reportagem. Então, façamos as comparações devidas.

A universalidade poderia, assim como no livro-reportagem, se encaixar nas biografias pela variedade de temas e personalidades encontradas nas diversas escritas biográficas, e pela difusão, ou publicidade, por serem distribuídas em diversas áreas de maneira heterogênea. Já a atualidade, na biografia, também deve ser entendida de forma diferente, mais aberta, mais larga. Nas biografias, como nos livros-reportagem, a atualidade deve ser analisada de forma a tornar mais profundas as notícias dadas, muitas vezes, superficialmente pelos periódicos em forma de notícia. Edvaldo Pereira Lima sustenta que muitas vezes essa busca pelos livros-reportagem (biografias) faz parte da inquietação do jornalista perante a superficialidade⁶ da notícia, ou até mesmo uma tentativa de usufruir, “[...] o seu potencial de construtor de narrativa da realidade.” (p. 33).

Lima se refere à categorização de periodicidade de Groth (2011), diríamos, às avessas. Edvaldo esclarece que mesmo o livro-reportagem não obedecendo a uma regularidade de produção tem uma ligação com a periodicidade. Essa associação pode ser considerada através da repetição de edições seguidas da mesma obra quando a repetição prolonga os acontecimentos a partir de temas conhecidos pelo público ou ainda divulgados inicialmente pela imprensa cotidiana. O livro-reportagem permite ao leitor analisar e opinar novamente acerca de fatos passados. O que se aproxima, de

⁶ “[...] o espaço que o livro-reportagem acaba ocupando, preenchendo o vazio deixado pelas publicações periódicas. Trata-se da questão da superficialidade e do extremo oportunismo com que se apresenta o trabalho da imprensa cotidiana.” (LIMA, 1993, p. 32).

O *New Journalism* como estratégia biográfica

certa forma, da biografia, porém não com temas conhecidos, como no livro-reportagem, mas com pessoas famosas, com personalidades conhecidas pelo público. Além disso, nas biografias o reposicionamento é também permitido trazendo, em alguns casos, personagens que fizeram parte da história de uma determinada nação. Temos nesses fatos desenrolados no passar do tempo uma ponte que conforme Lima é a periodicidade. Ligada intimamente com a atualidade, a periodicidade traz à tona temas e reposicionamentos ao longo dos anos como em diversos casos na biografia. Situação, por exemplo, do personagem biografado em nosso objeto de análise, Getúlio, que voltou a ser manchete pela exaustiva produção biográfica no ano de 2004, ano do cinquentenário de sua morte, e por diversas outras vezes em que se lançaram biografias acerca de sua personalidade.

No livro-reportagem, e na biografia, a universalidade contempla o papel da imprensa cotidiana em virtude de ampliar temas já abordados, ou por penetrar de forma mais profunda em temas verificados de maneira 'rasa' pela mesma. Em jornalismo podemos tomar a universalidade como variedade tanto de temas, como de aspectos diversos de um mesmo tema. E tanto nas biografias quanto nos livros-reportagem além de termos uma multiplicidade de temas e abordagens, muitas vezes, entendemos a partir das abordagens realizadas nesses veículos um núcleo para o entendimento de seu entorno. E a respeito dessa afirmação encontramos eco em Lima, novamente, ao se referir a livro-reportagem afirma que:

Visto enquanto veículo de comunicação isolado, também é revestido de universalidade porque divide a realidade que focaliza em múltiplos prismas que permitem no final, quando bem sucedido, uma visão completa do arco-íris. (LIMA, 1993, p. 43).

Concordamos com ele quando assegura que a difusão é característica indiscutível do jornalismo. Claro que em nosso caso nas biografias na forma de livro, pois a difusão, ou publicidade é uma característica de forma, ou seja, é como afirma Groth (2011), uma forma de estar aberto, acessível aos leitores, o que faz com que a biografia, assim como o jornal, possa se alongar à diversas direções.

Tendo em vista o referido acima, percebemos que as biografias jornalísticas encontram amparos não somente, mas também, nessas características referentes aos periódicos e, melhor, ao jornalismo. Além, dos periódicos comparamos as biografias com as definições de livro-reportagem e vimos que em muitos (esmagadora maioria) conceitos de Lima (1993) podemos colocar sem prejuízo de valor a(s) biografia(s). Assim, evidenciaremos, agora, a relação do gênero biográfico com as técnicas usadas pelo *New Journalism* que, com maestria, introduziram a ficção em textos jornalísticos.

3 DAS LINHAS SILENCIOSAS AOS RUÍDOS DO CREATIVE NONFICTION

Buscamos, neste trecho, alguns apontamentos acerca dos narradores pertencentes ao movimento, ou fase chamada de *New Journalism*. Suas mesclas com os romances (literatura de ficção), seus silêncios que ganham voz na boca do personagem, suas 'aparições' e 'desaparições' quase místicas com seus pontos de vista em terceira pessoa, e suas intromissões frente ao fato, jornalístico (biográfico) narrado.

Como canal de expressão, a biografia abriga quatro possibilidades de captação e narração. Segundo Vilas Boas (2002) são eles; pesquisar, aprofundar, interpretar e criar, todos presentes nas obras *Chatô*, *Mauá* e *Estrela solitária*, analisadas na pesquisa de mestrado transformada em livro posteriormente, do autor. Lima (1960) foi um dos precursores no estudo do jornalismo como gênero literário. Situou o jornalismo como "prosa de ficção, ao lado da crítica e da biografia. Na crítica, aprecia-se uma obra; na biografia, as pessoas, o jornalismo aprecia os acontecimentos." (LIMA, p. 21). A definição de Lima (1960) é antiga, pois segundo Vilas Boas na época os impressos passavam à condição de indústria, o folhetim foi sendo cambiado pelo colunismo e pela reportagem, e o artigo político dava lugar à entrevista, e assim por diante. Doutrinas acabaram cedendo espaço às sistematizações. O jornalismo passa então a adaptar formas de expressão da literatura, porém sem perda de especificidade em meados de 1960.

A aproximação do jornalismo com a literatura segundo Vilas Boas atinge notoriedade com o *New Journalism*. Todos os profissionais que passaram por

O *New Journalism* como estratégia biográfica

esse movimento, ou melhor, corrente⁷ transformaram o fazer jornalístico. Primeiramente em publicações periódicas e, após, em livros. Vilas boas afirma que a maioria dos que passaram por essa corrente chamada de *creative nonfiction*, ou seja, "literatura da realidade" participaram do *New Journalism*.

Essa corrente, a da *creative nonfiction*, está longe de ser unanimidade na academia ainda hoje, "[...] a palavra 'criatividade', especialmente, gera muitos ruídos." (VILAS BOAS, 2002, p. 82). Uma das principais causas de desconforto, sentido por opositores é a utilização de técnicas ficcionais. Contra argumentam os que defendem a *creative nonfiction* que verossimilhança e ética constituem os pilares da literatura de não ficção, e ambos têm os mesmos princípios básicos. Estes podem ser definidos como: aproximar o máximo possível à história do real e garantir a acessibilidade.

Como exemplo clássico dessa produção podemos citar *A sangue frio* (1980) de Truman Capote. O jornalista decide ir além dos acontecimentos relatados na imprensa diária. Vai atrás dos criminosos de uma família de quatro fazendeiros no interior do Kansas. Fala com os filhos sobreviventes (sobreviventes por morarem em outra cidade), com os vizinhos dos mortos, reconstruindo a biografia de cada 'personagem' dessa família. Entrevista os assassinos, as pessoas próximas a eles, na tentativa de construir um perfil psicológico e mais denso fazendo o uso de uma das técnicas (técnicas que abordaremos logo em seguida) do *New Journalism*, o da entrevista, diálogo.

Era uma época segundo Wolfe (1981) em que o sonho de todo jornalista era conseguir um emprego, se isolar em um local durante algum tempo e ressurgir portando um romance nas mãos. Ribeiro (2011) afirma que o escritor usou o jornal como meio de divulgação da sua literatura e o jornal o usou como atrativo: "[...] o fazer jornalístico, mesmo cercado das regras que garantem sua objetividade e agilidade, encontrou uma brecha para misturar as águas, fazendo nascer daí o fenômeno do *New Journalism*." (RIBEIRO, 2011, p. 38).

Sábios, os jornalistas descobriram que era possível escrever utilizando técnicas do conto e do romance sem prejuízo algum à realidade dos fatos, e, além disso, o jornalismo poderia empregar artifícios como o diálogo, ou até outros procedimentos da literatura para provocar emocionalmente e

⁷ Tom Wolf se recusa a chamá-la de movimento.

intelectualmente o leitor. Wolfe (1981) acredita que algumas técnicas usadas pelo *New Journalism* são heranças dos relatos de viagem do século XVIII e XIX, porém com uma diferença; que é a utilização da terceira pessoa. Booth (1974) e Wolfe (1973) esclarecem que o uso de terceira pessoa não é a garantia de um texto final de qualidade, mas sim a relação implícita entre autor e obra, no momento em que faz suas escolhas.

A respeito das técnicas norteadoras dos praticantes do *New Journalism*, Tom Wolfe (1973) elenca quatro principais. Recorrendo o menos possível para a mera narração histórica, a primeira delas é a construção cena-a-cena. Decorrente da primeira a segunda é testemunhar o fato, registrar os diálogos em sua totalidade. Para Ribeiro (2011) os jornalistas apreenderam a maneira realista de captar o leitor que se dá por meio do diálogo. A terceira é a alternância do foco narrativo. Cujo objetivo é apresentar cada cena ao leitor através dos olhos de uma personagem particular dando a ele a sensação de estar dentro da cena. O fato de um jornalista que escreve 'não ficção' adentrar nos pensamentos de uma fonte ou personagem se soluciona com a entrevista, com a abertura de aspas, dando voz a este. A menos compreendida, conforme Wolf (1973) é a técnica da construção minuciosa. Ribeiro relata que ela consiste na relação de gestos cotidianos, estilos de viajar, comer, comandar a casa, modos de comportamento com crianças, empregados, ademais das aparências e outros pormenores⁸ que podem surgir em um espaço da cena para delimitar status de vida, por exemplo. Conclui Tom Wolfe (1973, p. 76) "que quando se passa da reportagem para esta nova forma de jornalismo [...] descobre-se que a unidade fundamental do trabalho já não é o fato, mas a cena."

As quatro técnicas destacadas pelos praticantes estão presentes nas biografias de natureza jornalística como, por exemplo, *Chatô, Mauá, Olga*,

⁸ Barthes (1984) se debruça sobre a descrição de objetos supostamente insignificantes, típico da narrativa realista. Para exemplificar, Barthes (1984) usa a descrição da sala de Madame Aubin, personagem do romance realista de Gustave Flaubert, *Um coração singelo* (1987). "[...] um velho piano suportava, sob um barômetro, uma pilha piramidal de caixinhas e de cartões." (FLAUBERT, 1987, p. 10). Segundo Barthes (1984) todos os objetos exercem uma função simbólica, seja status, seja grau de instrução, mas o barômetro o intriga. Afirma ele que "[...] nenhuma finalidade justifica a referência ao barômetro, objeto que não é nem incongruente nem significativo e não participa, portanto, à primeira vista, da ordem do notável." (BARTHES, 1984, p. 88). Afirma Barthes (1984) que por apresentarem esse caráter aparentemente inútil os pormenores foram deixados de lado ao longo das pesquisas estruturalistas, justamente por ter os estruturalistas a ideia de que tudo na narrativa necessita exercer alguma função.

O *New Journalism* como estratégia biográfica

Estrela Solitária, *O mago*, e em nosso objeto de análise, *Getúlio*, da mesma forma.

Segundo Tom Wolfe (1973) as duas primeiras técnicas abordadas até poderiam ser mais bem representadas pela linguagem cinematográfica, porém na alternância de foco os cineastas fracassavam ao tentar entrar na mente de seus personagens. Já pela via escrita, o leitor, em um pacto com o narrador deve perceber porque determinados detalhes tornam-se valiosos. Como alternância do foco narrativo poderíamos citar *Chatô*, se referindo à técnica de alternância do foco narrativo, que ocorre no início da obra, quando o narrador retrata um sonho muitas vezes mencionado por Assis Chateaubriand. Para os que ainda seguem a objetividade essa é a técnica menos compreendida, e a mais inevitável para os biógrafos segundo Vilas Boas (2002). Trata-se de detalhes do biografado, da cena ou da época.

Mesmo com essa clara relação de proximidade entre biografia jornalística e literatura existe uma diferença quanto aos seus personagens. Em ficção o personagem é arquitetado como real, como afirma Vilas Boas (p. 90): “Em ficção, o indivíduo é projetado como real, mas totalmente determinado pela criação. [...] tanto guia-se como é guiado pelos fatos.” Sendo assim, nos romances a compreensão dos personagens é mais precisa que a de uma biografia.

No momento em que as ‘regras’ se ampliam a biografia jornalística estilo *creative nonfiction* se afortuna. O que faziam os jornalistas praticantes do *New Journalism* era escrever sobre algum tema de forma a “[...] retratar a realidade senão com cor, vivacidade e presença, tentando viver na pele as circunstâncias e o clima a seus personagens reais.” (VILAS BOAS, p. 91). Dito isto vamos à análise desses quatro procedimentos básicos norteadores dos escritores pertencentes ao realismo *creative nonfiction*.

4 UMA ANÁLISE

Seguimos, em nossa análise, uma abordagem qualitativa, a fim de retirar da biografia *Getúlio* (2012) alguns elementos, que comprovem o uso, por parte do narrador Lira Neto, das técnicas usadas pelos escritores adeptos ao *New Journalism*.

4.1 Construção cena-a-cena

Na construção cena-a-cena temos o relato detalhado do acontecimento, o que Lima (1993) chama de cena presentificada da ação. Como no seguinte trecho em que Neto descreve um acontecimento ocorrido na infância de Getúlio. Neste trecho o narrador desdobra o leitor como, por exemplo, em uma projeção cinematográfica. E temos aqui, conforme Lima, a definição de presentificar como aquilo que apresenta em desenvolvimento a vida não necessariamente usando o tempo verbal presente:

Ao ouvir o som das botas do general que se aproximava, não hesitou. Seguiu a recomendação do pequeno comparsa e disparou dali. Pensou em se esquivar pela porta dos fundos da casa. Mas, por temer ser avistado pela mãe, denunciado pelos irmãos mais velhos ou quem, sabe, deletado por algum criado, decidiu escapar pela janela da sala ao lado, acompanhado de Gonzaga. O primeiro esconderijo que lhe ocorreu foi exatamente a copa do velho umbuzeiro. Os dois, Getúlio e Gonzaga, galgaram troncos e galhos em segundos. Ali, suspensos a seis metros do chão, permaneceram ocultos entre a folhagem da árvore sob a qual o general Vargas, minutos antes, conferenciava aos visitantes. (NETO, 2012, p. 30).

4.2 Diálogo

Tal como jornalistas de revistas os romancistas iniciantes descobriram, em meados dos anos cinquenta que os diálogos realistas, *realistic dialogues* envolvem de forma mais abrangente o leitor do que qualquer outro recurso de estilo conforme Wolfe (1973). O biógrafo Lira Neto explora, da mesma forma que a técnica do cena a cena, o diálogo, como maneira de envolver o leitor:

O novato Getúlio Vargas parecia ter encontrado o tom certo para responder às provocações de Maciel. "Estamos apenas defendendo os foros de altivez do Rio Grande do Sul contra um despotismo de vinte e tantos anos", retrucou a certa altura Antunes Maciel. "Despotismo que tem amparado o desenvolvimento do Rio Grande", contrapôs Getúlio. "Queremos o progresso do Rio Grande, mas não a esse preço", persistiu Maciel. "Borges de Medeiros ali está porque o quer o povo rio-grandense, que o reelegeu por 106 mil votos", declarou Getúlio. "De onde os tirou?" "Das urnas." "Vossa excelência ajudou a retirar do candidato adversário esses 106 mil votos." (NETO, 2012, p. 208).

4.3 Alternância do foco narrativo

Na técnica do ponto de vista ou alternância do foco narrativo a cena é narrada de forma onisciente sob a perspectiva de algum personagem. O leitor passa a ver a cena por meio do ângulo de um personagem particular. O narrador Lira Neto usa a técnica da alternância de foco narrativo em sua obra *Getúlio*. Na passagem, Neto menciona as impressões de Getúlio ao ver uma moça na multidão com um lenço vermelho na mão. Em seguida o autor reconecta a narrativa à cena em que o fotógrafo flagra a ação: "O flagrante, captado pelo fotógrafo que acompanhava o estado-maior da Revolução, seria estampado com destaque nos jornais e revistas de Porto Alegre." (NETO, 2012, p. 493). Percebemos nesse trecho uma quebra, uma passagem dos olhos, da mente do personagem para os olhos, mente do narrador. Como no seguinte trecho:

156 |

A escalada do comboio revolucionário em Erechim, no terceiro dia de percurso, 14 de outubro de 1930, produziu uma das cenas mais significativas de toda a viagem. Uma moça sorridente, trazendo um lenço de seda vermelha nas mãos, abriu alas em meio à multidão e se aproximou de Getúlio. Ele, que havia descido do trem e estava sendo carregado nos ombros do povo, notou a presença da jovem e adivinhou sua intenção. Inclinou então levemente a cabeça, também sorrindo, para permitir que ela lhe pusesse o lenço em torno do pescoço e depois o amarrasse nas pontas, como típico nó maragato. (NETO, 2012, p. 493).

4.4 Reconstituição minuciosa

Para tornar a narrativa rica o biógrafo faz uso da técnica da reconstituição minuciosa. Dessa forma, o leitor entende melhor o personagem, sua aparência suas manias, muitas vezes a época, situação financeira, o cenário em que está situada a narrativa. Usufruindo da técnica denominada reconstituição minuciosa Neto descreve a troca de roupas e o exato perfil físico de Getúlio, enfatizando, o corpo nada atlético e o pequeno porte daquele que, talvez, tenha sido a maior figura política brasileira de todos os tempos, como no trecho abaixo:

O homenzinho pequenino e barrigudo se transfigurava, no imaginário da revolução, em guerreiro garboso, que conquistava a admiração dos cavalheiros e arrancava suspiros das damas. Para adotar figurino mais apropriado a uma campanha revolucionária, logo depois de deixar a capital gaúcha Getúlio trocara os trajes civis pelo uniforme militar de brim cáqui. A indumentária, contudo, não lhe caíra bem. O abdômen proeminente ficou ainda mais manifesto quando circundado pelo grosso cinto de couro preto, que destacou sua silhueta cada vez mais roliça. As botas de cano longo, que iam até quase à altura dos joelhos e formavam uma espécie de balão duplo na calça comprida embocada dentro delas, pareciam encurtar ainda mais as pernas miúdas. Mas nem mesmo isso conseguia empanar a auréola – habitualmente construída com a devida ajuda da imprensa rio-grandense – de um líder que seguia para a guerra em defesa de seu povo. (NETO, 2012, p. 494).

5 UMA HIPÓTESE

Nas reflexões realizadas buscamos observar, em alguns excertos retirados da obra *Getúlio*, as recorrências das técnicas do *New Journalism* aplicadas à biografia. Mesmo que não se tenha uma predominância deste ou daquele campo percebemos que uma das formas de intertextualizar literatura e jornalismo, na escrita biográfica, é através das técnicas ou procedimentos que guiam o movimento alavancado pelos escritores americanos em meados dos anos cinquenta.

Mesmo que não se tenha documentos oficiais que comprovem, ou seja, não podemos afirmar que Lira Neto é influenciado somente e diretamente pelo movimento, percebemos que através dos procedimentos usados pelos adeptos do *New Journalism* temos uma possível porta de entrada para introduzir elementos literários em escritas biográficas. Movimento esse que influenciou adeptos no Brasil, como Fernando Moraes, Ruy Castro, Lira Neto entre outros.

Notamos que apesar de ser a mescla de vários campos, a biografia de natureza jornalística, tem algumas particularidades e mesmo Lima (1993) tendo com seu objeto de estudo os livros-reportagem conseguimos trazer para as biografias alguns de seus conceitos. O que torna possível classificá-la como jornalística.

6 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS

Como explanamos, por vezes, nesse artigo, e percebemos no decorrer de nossa pesquisa de mestrado e nas leituras realizadas no grupo de pesquisa,⁹

⁹ *Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas*, ligado, de um lado, ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), enquanto que, de outro, ao departamento de Comunicação Social da referida universidade.

O *New Journalism* como estratégia biográfica

esse movimento de mescla se caracteriza, nas biografias de cunho jornalístico, e no jornalismo como um todo, por este buscar em outros campos sociais, e de forma demasiada na literatura, os elementos de que precisa para se estabelecer como gênero frente aos demais. Assim, afetando tanto o que é do campo da literatura como do próprio jornalismo. Com isso, uma forma de abordagem para compreendermos reconfigurações que emergem das narrativas biográficas poderia ser o jornalismo midiaticizado.

Para Soster (2013), a abordagem por meio da midiaticização, ou jornalismo midiaticizado, permite compreender como modelos de jornalismo se revigoram em meio a um cenário de profunda imersão tecnológica, assim como a biografia.¹⁰ Como Jornalismo midiaticizado, Soster (2008, 2009, 2009a) define aquele cujos dispositivos mais do que veículos de midiaticização são alterados por esse processo, midiaticizando-se. O jornalismo midiaticizado para Soster é composto pela: auto-referência, coreferência, descentralização, dialogia e atorização. A dialogia é a mais relevante característica para a pesquisa em questão. Por conseguinte, nessa característica, o jornalismo vai buscar em outras áreas conhecimentos para se legitimar enquanto campo, como ocorre nas biografias de natureza jornalística. Não se trata aqui de apenas uma hibridização, mas sim de uma nova realidade sócio-discursiva que complexifica sua estrutura.


Para Soster (2013) é particularmente por meio da dialogia, isto é, pelo diálogo entre dois ou mais campos do conhecimento em uma perspectiva midiaticizada, que encontramos a emergência de gêneros jornalísticos mais pautados na literatura, ou seja, a diferença que provoca diferença.

Assim, o jornalismo midiaticizado é apenas uma maneira de abordar o gênero. Esses sistemas complexificados podem receber outro olhar. Nos estudos realizados por meio do grupo *Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas*, percebemos que o jornalismo como sistema central além de reconfigurar seu fazer através e, principalmente, pela transdisciplinaridade aglomerou outras configurações. Outro viés possível seria através do aparecimento de determinados gêneros jornalísticos (nos molde de Marques de

¹⁰ O sistema midiático-comunicacionais, denominado "jornalístico", estabelece-se como tal quando os jornais e revistas impressos, rádios, televisões, webjornais, sites jornalísticos, blogs e microblogs de natureza jornalística são unidos por meio da web (SOSTER et al., 2010, p. 4).

Melo e Francisco de Assis) que, na verdade, funcionam como indexadores para camadas mais profundas como analisado e apresentado pelo grupo de pesquisa no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) em Manaus 2013.¹¹

Além disso, constatamos nas biografias um acolhimento, de um lado, dos pilares de Genro Filho (2012) como universalidade, particularidade e singularidade que ademais de se encaixar nessas narrativas definem o gênero como sendo jornalístico, enquanto que de outro, semelhanças da singularidade com algumas técnicas norteadoras do *creative nonfiction*, aqui analisadas, como também com o neologismo de Roland Barthes (1979) denominado biografemas¹² tidos, em nossas pesquisas, sob uma perspectiva literária. Questões que nos intrigam, mas que, em função do espaço aqui cedido, deixaremos para futuros momento de debate. Assim, o gênero biográfico liberto das amarras do *lead*, busca aparatos outros em diversas fontes, distintas formas, de se legitimar frente a um mercado complexificado.

O que mais nos interessa nessas metamorfoses são as emergências da biografia de natureza jornalística no cenário editorial. Terminamos com poucas certezas absolutas, porém com a capacidade de perceber que compreender o que elas significam, principalmente em tempos evolutivos do jornalismo implica termos condições de observar importantes transformações e intertextualidades que estão em constante processo nos dias atuais. 

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Literatura e realidade: que é o realismo?** Lisboa: Dom Quixote, 1984.

_____. **Sade, fourier, loiola.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BOOTH, Wayne C. **La retórica de la ficción.** Barcelona: Casa Editorial S.A., 1984.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

¹¹ Etapa nacional do 36º congresso promovido pela Intercom, realizado na universidade Federal do Amazonas (Ufam). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0046-1.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

¹² Para Barthes (1979), biografema é entendido como uma espécie de anamnese factícia, uma imitação que é mais da ordem da fabulação, daquilo que não toma como modelo um Real-Imaginário, mas que o inventa na sua necessidade de fazer algo com ele.

O *New Journalism* como estratégia biográfica

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido:** fundamento da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** São Paulo: Edusp, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MORAIS, Fernando. **Chatô:** o rei do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NETO, Lira. **Getúlio:** dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

REIMÃO, Sandra. Tendências do mercado de livros no Brasil: um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009). **Matrizes**, São Paulo, ano 5, n. 1, p. 194-210, jul./dez. 2011. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/207/pdf>. Acesso em: 20 set. 2013.

RIBEIRO, Teresa. **Biografia:** o jornalismo literário de Fernando Moraes. Maceió: EDUFAL, 2011.

160

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais:** internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. 2009, 186 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

_____. Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 3, n. 12, p. 96-108, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/314/199>>. Acesso em: 20 set. 2013.

_____. Sistemas, complexidades e dialogias: narrativas jornalísticas reconfiguradas. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012. p. 89-110.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Biografismo:** reflexões sobre as escritas das vidas. São Paulo: UNESP, 2008.

_____. **Metabiografia e seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico.** São Paulo. ECA/USP, 2006.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.